



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís
Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização

Editora do Portal História da Psicologia
Rio das Ostras, RJ – Brasil
2024

Editor: André Elias Morelli Ribeiro

Capa: Lara Gomes

Edição e revisão técnica: André Elias Morelli Ribeiro

Para elaboração dos capítulos, os autores foram orientados a utilizar as normas da ABNT (NBR 6023/2018 e NBR 10520/2017). A correção ortogramatical e formato de redação são de responsabilidade dos autores. Em caso de republicação, os capítulos e os artigos mantêm sua formatação original.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Pâmella Priscilla Negrão Braga CRB-7/6062

E96

Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro. / Rodolfo Luís Leite Batista, Cristina Lhullier organização. – Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, 2024. xxi, 560f.: il. (color.) : em PDF

E-book.

ISBN: 978-65-997325-3-9

Bibliografia

1. Psicologia - Brasil - História. I. Batista, Rodolfo Luís Leite (Organizador). II. Lhullier, Cristina (Organizador). III. Título.

CDD 150.981

Conselho editorial

André Elias Morelli Ribeiro (Universidade Federal Fluminense)

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Luiz Eduardo Prado da Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cristina Lhullier, Rodolfo Luís Leite Batista.....IX

PREFÁCIO

Renato Sampaio Lima, Sérgio Dias Cirino.....XIX

PARTE I

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: DA REFORMA BENJAMIN CONSTANT ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

*Luísa Xavier de Brito Silva, Walter Aristóteles Oliveira
Miez, Sérgio Dias Cirino, Rodrigo Lopes Miranda, Paulo
Coelho Castelo Branco, Erika Lourenço.....23*

O ENSINO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO NO INTERIOR DO MATO GROSSO DO SUL

*Letícia Martins Righi, Allana Patrícia da Silva, Maria
Eduarda Gregório dos Santos, Felipe Maciel dos Santos
Souza, Denise de Matos Manoel Souza.....61*

CLIO E PSYCHÉ VÃO À SALA DE AULA: O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Jacó Vilela, Filipe Degani Carneiro.....76

**NA BUSCA PELO ENSINO DE UMA HISTÓRIA
POLÍTICA E SOCIAL DA PSICOLOGIA: POR UM
NOVO LUGAR PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

André Elias Morelli Ribeiro.....108

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

*Rodrigo Lopes Miranda, Gabriela Syperreck Ramires,
Isabella Espíndola Rodrigues, Letícia Andrade
Herrera.....145*

**CONTEMPLAR O BELO PARA CONHECER O
HUMANO E SUAS RELAÇÕES AO LONGO DA
HISTÓRIA: ENRIQUECENDO A FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA POR MEIO DA ARTE**

*Roberta Vasconcelos Leite, Yuri Elias Gaspar, Marcelo
Augusto de Oliveira, Maria Gabrielle Coelho
Caldeira.....174*

**O USO DE PODCASTS NO ENSINO DE HISTÓRIA
DA PSICOLOGIA EM UMA PERSPECTIVA
DECOLONIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Erika Lourenço.....224

**O USO DE BIOGRAFIAS E A PRODUÇÃO DE
VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

*Rodolfo Luís Leite Batista, Andrêza Reis da Silva,
Fernanda de Cássia Oscar Otaciano.....247*

**O ENSINO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RELATO
DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO ORIENTADO,
EM GRUPOS E ACUMULATIVA**

Alcides José Sanches Vergara.....276

**O GRUPO DE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE
PSICOLOGIA SOVIÉTICA DAS DÉCADAS DE 1930 E
1940: A PSICOLOGIA SOVIÉTICA CONTRA A
EXTREMA-DIREITA HITLERISTA**

*Juberto Antônio Massud de Souza, Brenda Rodrigues
Marcelino Alexandre, Bruna Torrecilha Cessel, Diego
Duarte Ribeiro, Guilherme José Pavesi, Letícia José
Pedrozo, Maria Eduarda Fiorini, Nathália Soares de
Lima.....298*

SABERES E FAZERES DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Anderson de Brito Rodrigues.....333

**PANDEMIA DE COVID-19: VIVÊNCIAS E
MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA**

Dener Luiz da Silva.....368

MODELO PARA ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

William Barbosa Gomes.....401

PERCURSOS, RECURSOS, TRANSCURSOS E CURSOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Arthur Arruda Leal Ferreira, Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos, Raphael Thomas Pegden.....441

PARTE 2

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA PARA CURSO DE GRADUAÇÃO

William Barbosa Gomes.....481

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RECURSOS PARA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E DE PSICÓLOGOS

Maria do Carmo Guedes.....496

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO DISCIPLINA DE MESTRADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Inês Rosa Bianca Loureiro, Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.....510

**ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E
DESENHOS ANIMADOS: POSSIBILIDADES DE
NOVAS ARTICULAÇÕES**

Cristina Lhullier.....529

**NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS
AUTORES**.....555

PERCURSOS, RECURSOS, TRANSCURSOS E CURSOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

*Arthur Arruda Leal Ferreira
Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos
Raphael Thomas Pegden*

I. ABERTURA

Apresentar e discutir a experiência de um curso de história da psicologia ministrado ao longo de 30 anos e pensar em extrair algumas coordenadas daí não é uma tarefa simples. De início, é importante que essa experiência esteja conectada às materialidades que a sustentam. Em seguida, é fundamental traduzir estas orientações em pistas para cursos com materialidades variáveis. Assim trabalharemos inicialmente essas materialidades incluindo a da própria formação do autor, além de contornos da própria Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, cenário de boa parte do meu trabalho. E, na sequência, tentarei esboçar algumas pistas para a elaboração de cursos interessantes em história da psicologia, tocando em coordenadas de conteúdo e modo de apresentação.

2. MATERIALIDADES.

A lista das materialidades em um curso é quase inesgotável: o currículo de base, carga horária atribuída a disciplina, período em que o curso é designado, se a disciplina é obrigatória ou eletiva, se ela está isolada ou se insere em linha com outras disciplinas obrigatórias ou eletivas, se o currículo em que ela é ensinada é integral

ou de horário matinal ou noturno, se ela é conferida em uma universidade pública, confessional, comunitária ou privada, caso seja universidade pública se ela é federal ou estadual, se existe um corpo docente que possa trabalhar junto a disciplina ou é tarefa isolada, se existe uma articulação com a pós-graduação que possa partilhar a presença de estudantes tutores interessados no tema, se existem experiências consistentes de ações afirmativas ou não, qual é a quantidade de alunos alocados por disciplina. E, neste conjunto, a constituição do docente não pode ser apagada: é necessário destacar as marcas que constituem sua trajetória específica. Estas e outras questões são fundamentais para definirmos um solo de materialidade sem a qual nossas propostas podem se tornar abstrações desencarnadas.

2.1. MARCAS SOMÁTICO-SUBJETIVAS

Nesta parte do texto, eu gostaria de partilhar algumas coordenadas corporificadas de minha experiência para que algumas coordenadas epistêmicas apresentadas possam tenham algum sentido. Meu flerte inicial com narrativas temperadas pela história pode ser encontrado no meu próprio ensino fundamental, quando nos trabalhos anuais do meu colégio, o Padre Antônio Vieira (tradicional colégio da zona sul carioca recém-fechado), pude pesquisar temas como a história das constituições brasileiras, o movimento negro no Brasil e o golpe militar de 1964. No ensino médio, mantive meu interesse por história, ainda que tenha escolhido a carreira de psicologia como minha formação profissional. Entrei como estudante em uma Universidade Federal do Rio de Janeiro (doravante UFRJ) nos anos finais da

ditadura militar, enquanto uma universidade predominantemente branca e de classe média, cujos estudantes provinham de escolas particulares (sendo esta igualmente a minha marca), com exceção de poucos alunos que vinham de bairros distantes e oriundos do ensino público de qualidade.

Neste período, pude contatar experiências fundamentais que me despertaram o interesse em história da psicologia: primeiro, a parceria de minha companheira durante o curso de graduação, Ana Maria Silva, sempre fortemente interessada no tema, seguida pelos nossos grupos de estudo com Helmuth Krueger (numa perspectiva epistemológico-crítica) e Virgínia Kastrup (numa abordagem genealógica) e o nosso estágio com Franco Seminério que, mesmo sendo na área de cognição, sempre esteve atento a referências histórico-epistemológicas. Fechei a minha graduação com uma monografia "A história do conceito de Instinto", sob orientação de Virgínia Kastrup, que, dos anos 1980, oferecia um curso de história da psicologia extremamente problematizador, elegante e crítico. A presença dela junto com outras jovens professoras do curso como Ana Beatriz Freire e Angélica Rachid garantia ao Instituto uma abordagem extremamente renovada de vários cursos básicos na área como behaviorismo e epistemologia genética. Não é de menor importância dentro dessa abordagem crítica elegante e problematizadora as presenças de docentes como Clauze Abreu e Luiz Alfredo Garcia Roza.

Durante o período de pós-graduação, pude ter dois orientadores de referência em trabalhos de história da psicologia: no mestrado com Antônio Gomes Pena na

tentativa de fazer uma história do funcionalismo a partir de uma leitura pragmatista (Ferreira, 1992) e com Luiz Cláudio Figueiredo, no doutorado, com a tentativa de fazer um estudo das condições de possibilidades do surgimento da psicologia na sua diversidade, numa leitura que reunia historiografia brasileira e as de base na Genealogia e Teoria Ator-Rede (Ferreira, 1999). Neste período, um contato que me foi fundamental foi com o filósofo Roberto Machado e seus cursos sobre os pensamentos genealógicos de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault.

Nos anos 1990, tenho curtas experiências docentes pelo ensino público estadual (Escola Júlia Kubitschek), pela Faculdade Maria Thereza e pela Universidade Federal de Viçosa, onde, em nenhum dos casos, ministrei cursos de história da psicologia, embora tenha trabalhado temas como psicologia social, psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento com forte viés histórico. Em 1993, entrei por concurso na UFRJ na área de Psicologia e processos básicos. Ainda que tenha sido designado para dar aulas de temas como de Psicologia da percepção, Behaviorismo e Gestaltismo, logo assumi a disciplina de História da psicologia que, nesse momento, era uma disciplina eletiva de segundo período com carga horária de 60 horas. Era na verdade uma falsa disciplina eletiva, pois possuía um grande número de alunos, dada a baixa presença de disciplinas eletivas no currículo de psicologia de então. O perfil da UFRJ nos anos 1990 não era muito distinto do dos anos 1980, exceção talvez pela marca dos anos Fernando Henrique Cardoso, que introduziram a universidade pública num longo período de austeridade e consagraram uma série de dispositivos

444

competitivos de avaliação, especialmente na pós-graduação.

2.2. UMA NOVA VELHA UNIVERSIDADE?

Os anos de 2002 até 2015 (em governos federais do Partido dos Trabalhadores) foram fundamentais por uma ampliação do sistema de financiamento à pesquisa, mas também do próprio conjunto das universidades públicas federais brasileiras. Ainda que alguns dispositivos deste período como o Reuni e o Prouni possam ser questionados, o resultado foi o de uma grande transformação da universidade associada a sua própria expansão: o Enem abriu a possibilidade da chegada de estudantes de outros estados, assim como as ações afirmativas abriram a possibilidade de entrada de mais estudantes das escolas públicas, das classes mais baixas e de extratos étnico-raciais até então pouco representados na universidade, como a população afro-brasileira e ameríndia. Essas mudanças produzem uma transformação capital no perfil dos estudantes das universidades públicas federais, assim como na própria representação estudantil e na característica dos movimentos políticos da universidade, com incorporação de diversos coletivos pretos, LGBT e feministas.

Nesse cenário de transformações a própria docência do curso de psicologia se transforma, transformação esta em consonância com mudanças na minha própria formação docente. Entendendo que essa formação não termina no doutorado, é importante chamar a atenção de dois outros importantes componentes desta: os períodos sabáticos, em que pude me aproximar de grupos internacionais das Américas e

da Europa e os congressos de história da psicologia nacionais e internacionais. Dentro o contato com pesquisadores estrangeiros destaco parcerias com Adelino Cardoso, Adriana Molas, Ana María Talak, Athanasios Marvakis, Bruno Jaraba, Carlos Olivier, David Robinson, Diego Gonzalez, Floor van Alphen, Florentino Blanco, Hannes Stubbe, Hernán Camilo Pulido, Ivan Sanchez, James Cresswell, Javier Rey, Jorge Castillo, Jorge Castro, Jorge Chávez, José Carlos Loredó, Mônica Balltandre, Noemi Pizarroso, Paulo Jesus, Rodolfo Mardones, e Ruben Gomez Soriano. Sobre os congressos nacionais vale a pena destacar os congressos brasileiros de história e os congressos locais como o Helena Antipoff e principalmente o Clio-Psique dos anos iniciais, com a presença da pesquisadora Heliana Conde. Internacionalmente vale destacar os congressos das sociedades argentina e espanhola de história da psicologia, assim como os encontros da sociedade europeia de história das ciências humanas (ESHHS) e da Cheiron, fundamentais para a constituição de uma abordagem crítica.

A entrada na pós-graduação permitiu também a construção de grupos de trabalho em história da psicologia que se associaram às pesquisas de graduação que vinham sendo desenvolvidas desde o ano de 1995, inicialmente sobre as avaliações epistemológicas do saber psicológico, posteriormente sobre as condições de possibilidade dos saberes psicológicos (desde 2000), sobre os modos de governamentalidade presente nos saberes psicológicos (a partir de 2006) e por fim com temas específicos como os primeiros laboratórios em psicologia (2017) e os novos dispositivos da reforma

446

psiquiátrica (2014). Associado aos grupos de pós-graduação (notadamente no HCTE), destaco como fundamental a constituição do Grupo Varanda no encontro com os estudantes e agora pesquisadores Hugo Leonardo Rocha da Rosa, Luís Eduardo Fonseca e André Morelli que associados a mestrandos como Letícia Canuto e Marcos Vinícius dos Santos foram fundamentais para construção deste grupo, que veio a ser base do atual Trecho (Tecendo Redes com Histórias Outras, reunindo pesquisadores fluminenses da UFRJ, UERJ e UFF). Outros estudantes que têm trabalhado temas históricos como Alexandre Kerr, Fabiano Santos, Fernando Machado, Flávio Curvello, Mateus Bayer, Rafael Lima, Raphael Pegden têm sido igualmente fundamentais. No Trecho, temos trabalhado com pesquisadores aqui do Estado do Rio de Janeiro como Alessandra Daflon, Gustavo Cruz Ferraz, Heliana Conde, Hildeberto Martins, Irene Bulcão, Roberto Preu, e Rosimeri Dias.

2.3. UM NOVO VELHO CURRÍCULO E UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA TRANSFORMADA E EM RISCO

Por força das novas diretrizes curriculares, na primeira década dos anos 2000 é buscada uma reforma de currículo no Instituto de Psicologia com base nas novas diretrizes curriculares (CNE/CES, 2004) que, ao final do processo, só é posta em cena em 2016. O curso é atualizado com o número de disciplinas eletivas ampliado e são adotadas algumas ênfases como orientadoras, notadamente área de saúde, cognição, processos coletivos e processos subjetivos. Neste aspecto, a

disciplina de história da psicologia passa a fazer parte do eixo histórico-epistemológico tornando-se uma disciplina obrigatória de primeiro período. Essa mudança já encontra a universidade bastante transformada pelas ações afirmativas e pelo ENEM. Mas outro fator passa a formatar a universidade nos últimos anos da década de 2010 e nos primeiros anos da década de 2020: com o golpe jurídico político de 2016 e a entrada de governos mais conservadores, passa a haver um profundo contingenciamento das verbas das universidades federais públicas o que leva a um constante sucateamento de condições cotidianas de trabalho que implica sempre em grande capacidade de improvisação. O período agudo da pandemia (2020 e 2021) com as aulas online entram neste processo de improvisação e reinvenção didáticas.

Nesse processo de transformações da universidade e da minha própria formação enquanto pesquisador e docente, poderia dizer que, dos meus cursos iniciais aos atuais, houve a passagem de uma discussão histórica mais centrada em questões epistemológicas e nas orientações psicológicas para um curso mais voltado para discussão dos modos de fazer história, das condições de possibilidades de surgimento da psicologia e dos modos de classificar alguns projetos mais amplos da psicologia, sempre crivados por uma discussão quanto à pluralidade e a diversidade dos modos de fazer psicologia. Passemos a algumas dessas pistas dos modos de lecionar história da psicologia, tendo em vista essas materialidades que envolvem as transformações da universidade e a do próprio docente.

3. PISTAS PARA CURSOS DE PSICOLOGIA

A experiência com cursos de psicologia ao longo dessas transformações abre a possibilidade de compartilhar algumas pistas. Vou enumerar estes aspectos, notadamente de conteúdos orientadores, mas igualmente de estratégias didáticas. Passemos a elas

A. SENTIDO DO TRABALHO HISTÓRICO

Discutir o sentido do trabalho histórico, especialmente em um campo como a psicologia suscita atitudes históricas muito distintas. Associada a esta atitude podem vir narrativas históricas muito distintas (Haydin White, 1992) com operações históricas (Michel de Certeau, 1988) muito singulares. Por atitude histórica, estou me referindo aos diversos jogos de linguagem envolvidos num recurso a narrativas de ordem temporal, com sentidos éticos e políticos implicados nessa postura. Todos esses jogos estão envolvidos na relação que o presente mantém com sua história. Um determinado discurso histórico pode ter no seu conjunto atitudes muito variadas tocando este aspecto político. Logo, destacar a existência de atitudes históricas não implica numa fácil classificação dos tipos de discursos. Toda a classificação daí decorrente seria relativa a tipos ideais onde seria predominante um determinado tipo de discurso. Vejamos algumas atitudes básicas.

Em primeiro lugar Butterfield (1965) destacaria o que ele chama de História whig. É um tipo de história na qual todo passado é um estágio incompleto na figuração do que vem a ser um estado presente entendido como o modo mais acabado na conformação de qualquer fenômeno político, econômico, social ou científico. Esta

atitude está presente em boa parte da história das ciências e se coloca como muito sedutora para as histórias da psicologia atuais. Um outro tipo de atitude histórica igualmente sedutora e enaltecadora do presente, embora mais simétrica com o passado, é a história celebratória. Nessa história buscamos consagrar o presente por nobres personagens, conceitos e instituições do passado. Aqui predomina a figura do pioneiro e do precursor tão criticada por Canguilhem (1973): aquele que foi sem a consciência de ter sido

Um terceiro tipo de atitude histórica mais simétrica é aquela que entende que somente a história e o estudo minucioso do passado podem nos proporcionar uma compreensão do presente, seja pelo recurso a longa duração dos processos históricos, seja pela lenta passagem do tempo das mentalidades que nos constituem. Aqui temos de forma muito presente o trabalho da nova história ou também entendida como Escola dos Anais ou Nova História (Le Goff, 1992). Um último tipo de atitude histórica inverte a relação de predominância do presente em relação ao passado. Não estou me referindo necessariamente a ideia da história como um processo de decadência ou involução; melhor seria dizer que o passado isola, contingencia e torna frágeis as certezas do tempo presente. Elas passam a ser marcadas pela raridade no sentido em que o historiador Paul Veyne (1980) atribui a todo fenômeno histórico em que ele seria cercado por uma singularidade única, sem que seja possível projetá-lo na direção de um passado atemporal. Essa atitude de problematização do presente por meio da história é o que Michel Foucault (1995) destacou como ontologia histórica do presente, que teria

450

a sua postulação como projeto filosófico a partir dos trabalhos de immanuel Kant, Georg Wilhelm Hegel, Friedrich Nietzsche, dentre outros. Eu diria que boa parte dos cursos em que trabalho se situa próximo desta atitude em conexão com a proposta pelos novos historiadores.

B. FERRAMENTAS HISTÓRICAS.

Um aspecto importante em um curso de história da psicologia é poder compartilhar com os estudantes os diversos modos de se produzir história. Nesse caso, é extremamente importante apresentar não apenas a história dos historiadores, mas a história das ciências epistemologicamente orientada e a história tal como ela é trabalhada nos atuais Estudos em Ciência Tecnologia e Sociedade. Esta apresentação é fundamental para a gente entender de maneira clara quais são as atitudes históricas, as narrativas e as historiografias presentes nesses diversos modos de fazer história. De maneira clara é importante fazer uma seleção dos representantes de cada linha, para evitar a possibilidade de termos um curso só sobre historiografia.

A história das ciências epistemologicamente orientada é extremamente importante como modelo de grande vigor durante o século XX. É importante partilhar algumas de suas orientações mais conhecidas como o positivismo (Comte, 1973), o racionalismo aplicado (Canguilhem, 1973) e a teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn (1992). Essa apresentação é extremamente importante para que vejamos como cada uma destas correntes considera o motor da história das ciências (observações públicas e controladas, racionalidade e

esgotamento de paradigma) e como, de maneira particular, a psicologia se encaixa, ou melhor, não se encaixa nessas narrativas, sempre muito problematizadoras dos modos de cientificidade deste saber. Acho que é importante nesta apresentação destacar sempre como as psicologias buscaram um certo discurso histórico progressivo ou evolucionista ao modo da história das ciências epistemologicamente orientada, mas como sempre as principais correntes deste saber acabaram retribuindo esse desejo com uma problematização dos modos científicos destes saberes. Essa situação vale ser destacada, não no sentido de julgar se as psicologias seriam científicas ou não, mas para apresentar uma relação de desejo não correspondido entre modos de saber. Vejo como extremamente interessante destacar a forma com a qual muitas histórias da psicologia buscaram uma alternativa para se posicionar como um discurso progressista ou evolucionista, não a partir da figura de um dos motores do progresso científico destacado pelas diversas teorias epistemológicas (paradigmas, racionalidade ou objetividade), mas especialmente termos como laboratórios ou grandes homens, que fariam a diferença entre um presente científico e um passado pré-científico. Poderíamos nomear essa história como história Grand Prix onde se seriam buscados os pioneiros ou os primeiros laboratórios que fariam esse corte entre o presente científico e o passado pré-científico. Assim algumas histórias da psicologia conseguiriam encarnar uma atitude whig progressista próximo da história das ciências epistemologicamente sancionada, mas sem

invocar nenhuma de suas principais abordagens e mecanismos conceituais.

Em total contraste a abordagem da história das ciências epistemologicamente sancionada ou de suas versões fac-símile da história da psicologia, teríamos a história dos historiadores. Sem a possibilidade de fazer representar todo um conjunto de orientações muito diversas, vale a pena escolher uma abordagem como a da Nova História ou Escola dos Anais (Duby, 1992). A escolha por esta orientação é interessante pois temos um posicionamento sobre vários aspectos como a de uma busca de um presentismo saudável, a de uma história problema, plural entre cronologias diversas, adepta do conceito de ruptura e claramente questionadora de qualquer termo histórico último, como a noção de documento (nesse aspecto vale destacar a sua clássica discussão da indissociabilidade entre documento e monumento). Dois outros aspectos de grande importância na apresentação desta escola seriam: a recusa de qualquer concepção evolutiva em suas abordagens históricas; a enorme importância conferida aos aspectos coletivos ou sociais na produção dos diversos objetos ou temas históricos. Aqui o contraste se faz extremamente radical com as perspectivas das histórias das ciências, marcadas tanto por uma concepção evolucionista quanto por um distanciamento das explicações sociais na produção do conhecimento (geralmente a vida coletiva é vista como um obstáculo ao progresso científico). A exceção talvez seja a proposta pela teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn (1992), mas chamando a atenção para um tipo especial de comunidade que seria a comunidade científica.

Considerando os aspectos coletivos ou sociais na produção de conhecimento, vale a pena destacar as abordagens presentes nos atuais Estudos em Ciência Tecnologia e Sociedade (doravante CTS), claramente posicionados em postura antagônica às abordagens epistemológicas. Aqui vale a pena destacar um princípio constitutivo do próprio Campo CTS que seria o princípio de simetria proposto nos anos 1970 por David Bloor (1976). O que propõe este autor dentro do programa de uma Sociologia do conhecimento forte é que tanto os conhecimentos seguramente científicos quanto àqueles que seriam duvidosos seriam explicáveis por causas ou razões sociais (aqui teríamos o ponto central do antagonismo com as epistemologias que, via de regra, consideram o social como obstáculo à progressão do conhecimento). Considerando a radicalidade da proposta de Bloor, ou mesmo de propostas anteriores da sociologia do conhecimento como as propostas por Karl Mannheim (1986) ou Ludwig Fleck (2010), temos aqui entrada mais forte das explicações sociais na produção do conhecimento, de forma mais radical do que as próprias tendências históricas, como a da Escola dos Annales.

O que valeria a pena destacar dentro das abordagens históricas do campo CTS seria não apenas a sua pluralidade, mas a própria diversidade na tentativa de explicar o que seria esse aspecto social na produção de conhecimento. Aqui mostra-se interessante apontar a diferença entre concepções como a do programa forte que pensa o social exclusivamente com características humanas e organizado em torno da noção de crença e o social tal como apresenta por exemplo a Teoria Ator-Rede que considera-o como um composto ou amálgama

454

entre entidades humanas e não humanas como seres vivos, instrumentos e máquinas. Desta maneira o social deixa de ser uma natureza e passa a ser um modo de composição entre entidades diversas numa postura mais próxima de uma sociologia de Gabriel Tarde (2007). Esses modelos permitiriam uma descrição de diversos aparatos psicológicos esquivando-se das abordagens evolucionistas ou whig e abraçando explicações sociais e materiais de complexidade variável. Um bom exemplo sobre essas abordagens são os escritos da filósofa e psicóloga Vinciane Despret (1999, 2004 e 2011) que tocam temas como as teorias das emoções, a psicologia comparada e mesmo os laboratórios clássicos e modernos de psicologia.

C. CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE OU ORIGENS

Entrando nos conteúdos da própria história da Psicologia a ser ensinada é importante que estejamos atentos a uma série de escolhas que tornam a nossa narrativa mais detalhada. Neste aspecto se impõe duas questões: qual seria o ponto de corte a partir do qual essa história (ou estas histórias) podem ser contadas?; 2) o que se coloca como existente antes do ponto de corte da existência dos saberes psicológicos? Podemos invocar a existência de uma série de entidades como ideias psicológicas, senso comum, ideologias, proto ideias, folk psychology, representações sociais e por aí adiante. De alguma maneira estas noções demarcam a separação entre conhecimento comum e conhecimento científico ou projetam o conhecimento psicológico para momentos cada vez mais recuados, flertando com o problema da origem infinita destacada por autores como Foucault

(1971). Minha proposta é que não haveria na sua anterioridade aos saberes psicológicos crenças, mitologias ou ideias psicológicas que poderiam consagrar novos precursores. Talvez mais interessante seja pensar no conceito de condição de possibilidade histórica conforme proposto por Foucault (1966). Por condições de possibilidade, entendo experiências compostas por práticas cotidianas e correntes que possibilitam a existência de algumas formas peculiares de pensar e perceber o mundo assim como os demais seres humanos. Seria basicamente a produção de novos modelos ontológicos. E que experiências seriam essas que poderíamos destacar como básicas para o surgimento das psicologias?

Seguindo um caminho que comecei a trabalhar na minha tese de doutorado (Ferreira 1999, condensada em Ferreira 2006), penso em três grandes condições para o surgimento da psicologia: o surgimento da experiência do humano ou das humanidades como campo de conhecimento; o surgimento do indivíduo como unidade social e política; e o surgimento da subjetividade como um domínio ontológico e existencial. Outras experiências como a da loucura como doença mental (Foucault 1972) ou da infância como parte do nosso desenvolvimento (Áries, 1979) também seriam cruciais. Vejamos com mais detalhes que elas podem implicar.

Pela figura das humanidades, entendemos a postulação do homem como objeto especial e fundamental de conhecimento ou das ciências humanas como um campo de saber um estatuto singular. Elementos para essa análise podem ser buscados tanto em discussões como as promovidas por Latour (1994) ou

456

quanto por Michel Foucault (1966). A proposta é pensar que as ciências humanas são muito mais recentes do que nós imaginamos e que algumas divisões que a sustentam como a separação ontológica entre seres naturais e seres humanos ou ainda a divisão entre ciência e filosofia, ou mesmo a própria possibilidade de tomada do ser humano como ser empírico e transcendental é bem datada e remete ao período moderno do mundo ocidental (do século XVII em diante). Antes desse período seria praticamente impossível pensar o conhecimento do ser humano como separado de todo um conjunto de leis e princípios tocantes ao próprio funcionamento do cosmos. É nesse aspecto que seria praticamente impossível reconhecer uma psicologia antes de qualquer divisão ontológica entre humanidade e natureza. Como por exemplo no Tratado da alma de Aristóteles (2020) que, na organização das obras deste filósofo foi relegado a um capítulo da física.

Outra experiência que seria importante para pensar o surgimento da Psicologia seria a de entender a nossa vida coletiva e política como marcada pela composição de indivíduos atomizados. A própria palavra indivíduo, de produção tardia no mundo ocidental (século XIII segundo Norbert Elias, 1994) refletiria a raridade desta experiência. Por experiência de individualidade estaríamos nos referindo há uma experiência em que todos os seres humanos seriam universalmente reconhecíveis não apenas nas suas diferenças empíricas, mas no seu valor singular, o que implicaria sempre num destino único ancorado em uma interioridade que seria passível de ser conhecida. As orientações para o entendimento dessa história podem ser encontradas em

autores como Luiz Cláudio Figueiredo, 1992; Louis Dumont, 1993; Michel Foucault, 1976; Norbert Elias, 1994 e Jean Pierre Vernant, 1990. A ideia aqui presente é de que em momentos anteriores ao nosso período moderno, notadamente ao século XVI, existem uma série de processos de individualização sem que possa corresponder a uma experiência coletiva comum e que esteja referida a todas as pessoas. Singularizações de grandes guerreiros, políticos e personagens como cavaleiros ou monges eram passíveis de serem registradas, mas não em um sentido passível e ser atribuído como narrativa e valor a todos os seres humanos. Autores como Dumont (1993) destacam a prevalência de formas coletivas de definição dos indivíduos, baseadas em clãs, famílias e linhagens. Seja pelo surgimento dos Estados modernos ou seja pela existência de processos disciplinares presentes em diversos espaços (como escolas, cavernas, hospitais, fábricas prisões e asilos) essa experiência de uma individualidade, passível de ser reconhecido em todos os seres humanos se universaliza e demanda um conjunto de saberes e práticas para seu conhecimento e manejo. Autores como Nikolas Rose (1998) destacam o surgimento da psicologia ligado a essas novas políticas de manejo dos indivíduos no tecido social a possibilidade de gestão livre das inclinações naturais destes, consagrando a governamentalidade liberal.

Outra experiência fundamental para o surgimento da psicologia seria a de possuímos uma subjetividade ou seja a da presença de uma região da nossa existência interiorizada, reflexiva e passiva de conhecimento, que não se confunde nem com o mundo exterior nem com a

458

nossa corporeidade orgânica. As fontes para essa história podem ser buscadas em Michel Foucault (1995), Luiz Cláudio Figueiredo (1992), Charles Taylor (1989) e Jean Pierre Vernant (1990). As condições para o surgimento dessa experiência podem ser encontradas em fontes mais antigas como o surgimento da confissão cristã nos monastérios do final da antiguidade, mas também em experiências mais recentes como as de privacidade elaboradas ao longo dos séculos XVIII e XIX, da mesma maneira que e as formas reflexivas com que a filosofia e a medicina se constituíram a partir do século XVII (ver Descartes, 1972). De uma maneira bastante clara as formas de subjetivação que podem ser encontradas na antiguidade não corresponderiam a essa nossa divisão ontológica. Vernant (1990) destaca que entre os gregos teríamos muito mais a presença de uma alma em mim do que a da minha alma. Isto pode ser claramente visto em alguns diálogos platônicos como Fedro (Platão, 2003). Com o entrelaçamento dessas práticas como as de confissão, valorização da vida privada e exercício reflexivo na busca da verdade nas dobras da nossa alma pessoal surgiria a nossa convicção ocidental da existência inquestionável de nosso mundo interior. Da convicção da existência deste domínio interior, passa-se a complexidade da sua descrição e de uma certeza da sua evidência como mais poderosa do que a do próprio mundo exterior. Posteriormente, notadamente do século XIX em diante, essa complexidade passa a produzir a convicção de que existiriam zonas inacessíveis à auto-observação e que nas palavras de Luiz Cláudio Figueiredo (1986) produziria uma região transcendental que seria o fundamento inacessível da nossa vida

psicológica. E no qual as psicologias sempre se encontrariam no trânsito entre a nossa experiência vivida e a busca deste fundamento transcendental onde residiriam os princípios explicativos da nossa existência cotidiana.

D. A IMPOSSIBILIDADE DA PSICOLOGIA EM MUNDOS DISTINTOS DA MODERNIDADE OCIDENTAL.

Tão importante quanto falar da constituição dessas experiências enquanto condições de possibilidade de surgimento dos saberes psi é a de poder citar contra-exemplos históricos e antropológicos que apontam para a diversidade dos modos de constituição das pessoas humanas que não coincidem com estas coordenadas demarcadoras da psicologia. Estes contra-exemplos são fundamentais para se entender a dificuldade de generalizar as próprias condições com que as psicologias se constituem para momentos históricos muito recuados no tempo do mundo ocidental e para outros contornos ontológicos vividos por outros grupos humanos. Neste aspecto essas incursões, para além das próprias condições de possibilidade da psicologia, são também importantes para que se evite generalizar as experiências psicológicas a toda diversidade da existência humana, destacando a raridade destas. Os contra-exemplos já puderam ser destacados em cada uma das condições de possibilidade da psicologia e foram previamente insinuadas aqui:

- 1) As formas com que o conhecimento antigo e medieval do ocidente se organizaram sem qualquer

divisão entre domínios humano e natural (Latour 1994 e Foucault, 1966), assim como manifestações de outras ontologias não ocidentais, como o perspectivismo americano descrito por Eduardo Viveiros de Castro, (2015) onde teríamos uma única experiência anímica comum aos seres vivos e diferenciada apenas pela singularidade corporal de cada ser.

2) No campo das individualidades, vale a pena destacar não apenas a raridade das experiências individuais nas coletividades antigas e medievais do mundo ocidental (Vernant, 1990 e Dumont, 1993), como mostrar a sua falta de sentido em alguns grupos ameríndios como o dos Índios Hopis em que a singularidade do indivíduo é definida pelo seu nome de batismo e não pelo seu destino individual (ver Voth, 1905).

3) Os contra-exemplos da experiência de subjetividade na história ocidental são fartamente destacados por Vernant (1990). Ele destaca, especialmente na antiguidade grega, que dificilmente encontraremos sinais de auto reflexibilidade e auto-observação, embora fosse possível observar a presença de algumas manifestações de individualidade. Os contra-exemplos antropológicos podem ser encontrados no próprio perspectivismo ameríndio, assim como em todo um conjunto de ontologias animistas (Descola, 2023) em que nossa vida anímica não se encontraria recolhida dentro dos nossos limites

somáticos humanos. Aqui os estudos etnopsiquiátricos de Tobie Natan (1996) com populações imigrantes na França destacam esse pressuposto. Outras linguagens que não apontam para uma divisão entre o nosso interior somático e anímico podem ser encontradas inclusive em certas culturas como a chinesa (Despret, 2011).

E. A PLURALIDADE DA PSICOLOGIA

A psicologia na sua atualidade possui algumas características peculiares que marcam a sua especificidade na esfera dos saberes. Podemos definir um campo de conhecimento que é marcado por uma pluralidade de práticas, conceitos, métodos e teorias que são muitas vezes divergentes e excludentes entre si. A dificuldade em encontrar uma definição para o termo “psicologia” que seja consensual para a comunidade dos psicólogos repousa sobre uma série de questões que esbarram nos debates acerca de sua cientificidade. Afinal, ela seria a psicologia uma ciência da experiência imediata? Uma ciência do comportamento? Uma ciência do inconsciente? Da cognição? Do desenvolvimento? Ou talvez de todas essas áreas juntas?

Mesmo sob a pretensão de uma unidade insuspeita, seria possível unificar essas diferentes modalidades de psicologia em uma só unidade? Seria possível traçar um plano geral que pudesse aproximar e abrigar sob a mesma rubrica behaviorismo, psicanálise, neuropsicologia e psicologia histórico-cultural, por exemplo? Alguns autores perseguiram o ideal de um projeto de psicologia unificado: Politzer (1998) realizou uma crítica a favor de uma unidade científica da

psicologia; e Lagache (1988), de modo similar, propôs uma unificação das teorias em torno de uma prática centrada no método clínico. Outros, por outro lado, buscaram atacar a pluralidade da psicologia justificando-a como motivo de exclusão da esfera das ciências (a recusa epistemológica já citada). Para Comte (1972), por exemplo, a psicologia jamais poderia vir a ser uma ciência, pois, ao ocupar-se da “interioridade”, ela careceria de um objeto bem definido passível de experimentação e observação empírica. Foram vários os esforços dos psicólogos em busca de uma sistematização que pudesse garantir para os saberes psicológicos uma validade científica. Foram muitas também as críticas dirigidas aos seus fundamentos epistemológicos, metodológicos e conceituais. Contudo, ao atentarmos para o contexto atual, podemos notar a persistência da psicologia, marcada por multiplicidades de práticas e dissonâncias teóricas.

Diante das questões suscitadas pela pluralidade do campo psi, ao tomarmos como tema a “história da psicologia”, nos deparamos com uma série de questões que atravessam e compõem a esfera que pretendemos abordar. Pois, a pluralidade da psicologia parece comprometer não só a possibilidade de uma definição consensual (O que é a psicologia?), como também parece influenciar e determinar o modo pelo qual se torna possível elaborar uma história sobre esse domínio de conhecimento. Cada orientação de psicologia possui sua própria narrativa arquitetada em torno de sua própria compreensão de “ciência”, de modo que a história que a psicanálise apresenta acerca de si mesma não converge com a narrativa elaborada no campo das terapias

cognitivo-comportamentais, e a história da psicologia experimental alemã em muito diverge daquela outra celebrada pelo gestaltismo, por exemplo. Seria possível fazer uma única história da psicologia que atravessasse todas essas narrativas numa única leitura unificada? Ou teríamos que elaborar uma história fragmentada, fissurada em diversas narrativas tão plurais quanto as possibilidades sustentadas por cada autor? Isto é: seria possível uma história da psicologia ou várias? Como definir o limite entre cada uma dessas fronteiras? De que forma seria possível determinar períodos históricos de cada orientação? De que modo seria possível diferenciar os períodos históricos entre si de modo a respeitar a especificidade de cada um? De que modo deveríamos estabelecer o status da continuidade e da descontinuidade entre cada momento dessa possível história da psicologia?

F. A PLURALIDADE DE PONTOS DE IRUPÇÃO (TERMO, ÁREA, FORMAÇÃO E PROFISSÃO)

A discussão sobre a dispersão e da diversidade da psicologia é fundamental para se evitar a ideia de que existe um único ponto de origem na sua história. Mas ainda que houvesse um grau maior de articulação entre os saberes e as práticas psicológicas, o estabelecimento desse ponto de irrupção da psicologia não seria em nada óbvio. De uma maneira mais interessante, é possível se trabalhar com vários pontos de irrupção no que diz respeito ao surgimento dos saberes e práticas psicológicos. Assim é possível se fazer uma pesquisa sobre o surgimento da própria palavra e do termo psicologia, que até agora pode ser creditada como invenção do

464

teólogo reformista da Dalmácia, Goclenius (1597). Igualmente poderíamos fazer uma história da irrupção da própria área denominada como psicologia enquanto parte da filosofia moderna. E aqui teríamos o excelente trabalho do historiador da ciência Fernando Vidal (2000), quem vai mostrar a riqueza das psicologias existentes do século XVII ao XIX, que não coincidem com as ditas idéias psicológicas dos grandes filósofos da época, mas a produções específicas de grupos como o dos ideólogos franceses, a dos membros escola eclética escocesa ou ainda da filosofia dogmática de Christian Wolff. No entanto esse ponto de interrupção também poderia ser buscado nos primeiros locais de formação, notadamente nos primeiros laboratórios alemães do último quarto do século XIX. Foi ali que se pôde estabelecer os primeiros espaços de formação universitária em psicologia.

Igualmente esse ponto de irrupção pode ser definido na própria profissionalização dos psicólogos enquanto especialidade capaz de dar conta de várias tarefas aplicadas a campos como educação, trabalho, vida militar dentre outras. Essa história do surgimento das especialidades psicológicas vinculadas à profissionalização é importante para definição do próprio horizonte em que a psicologia se apresenta nos dias atuais: não apenas como uma área universitária, mas como um domínio de expertise. Para essa história ganhar mais contornos é importante lembrar também da existência de vários outros caminhos que não puderam se definir como campos, formações ou domínios profissionais oficiais. Assim a presença da psicologia em discursos literários os mais variados (Rosa, 2020) e em práticas

religiosas como em mesas espíritas (Mullberg, 2016) muitas vezes são ignorados como pontos de passagem da psicologia, mas igualmente relevantes em todo mosaico que constituem as suas práticas e teorias.

G. UNIDADE DE ANÁLISE HISTÓRICA: PROJETO OU SISTEMA, TEORIA, ESCOLA OU ZEIGEIST.

Consideradas as condições de surgimento dos saberes e práticas psicológicas e principalmente os pontos de irrupção variáveis, como desenrolar a narrativa sobre os vários grupos e unidades que se constituíram como psicologia? Vários termos se candidatariam à unidade de análise desses agrupamentos psi: escolas, teorias, sistemas, paradigmas ou até mesmo espírito de época. Todas as unidades de análise apresentam algum problema, ora por supor uma unidade mais organizada do que a que realmente existe, ora por supor uma amplitude que todavia não possui consistência. As noções de escola e sistema corresponderiam ao primeiro caso, ao passo que as de paradigma ou mesmo o espírito de época (zeitgeist) corresponderiam ao segundo. Tenho utilizado o conceito de projeto, indicado pelo racionalismo aplicado francês (Canguilhem, 1972 e 1973), pois mesmo que ele suponha uma certa organização racional do conhecimento, ele é capaz de dar conta de uma diversidade de teorias e práticas que colocaria em conjunto algumas orientações próximas, possuindo ao menos, valor taxonômico e didático. Além do recurso ao conceito, a nomeação dos projetos foi, em certa forma inspirada na taxonomia proposta por Canguilhem (1973) a propósito da pergunta “O que é a Psicologia?”,

Uma segunda questão diz respeito a quais projetos podemos considerar nesta disciplina com cargas de 60 ou 90 horas. Eu tenho me valido da apresentação de alguns projetos, que foram praticamente únicos nos seus tempos: a Psicologia como uma ciência da alma enquanto disciplina filosófica moderna ou a Psicologia como ciência da experiência presente nos primeiros laboratórios de formação psicológica (incluindo o gestaltismo e as escolas da dita psicologia clássica anteriores a ele). No entanto a partir do século 20, dada enorme proliferação da psicologia e o seu desdobramento global, optei por destacar apenas alguns projetos que teriam tido um alcance mundial: a Psicologia como ciência e tecnologia da adaptação (incluindo Behaviorismo, Funcionalismo e Epistemologia genética), a psicologia como Arte e técnica terapêutica e a Psicologia como ciência do social (projeto extremamente forte em regiões ditas periféricas na produção do conhecimento psicológico como América Latina e Leste europeu). Esta assimetria na produção mundial dos principais projetos em psicologia aponta para algumas características singulares na distribuição e circulação em torno do planeta, tema do próximo item.

H. A CIRCULAÇÃO DOS SABERES PSICOLÓGICOS ENTRE OS DIVERSOS MUNDOS.

A escolha pelos projetos acima citados não deve conduzir a alguns equívocos. Seriam estes:

1. Que esses projetos viriam a se suceder numa certa evolução, quando de forma mais precisa, eles se sobrepõem, sem que mesmo os mais antigos venham a se extinguir por completo.

2. Que esses projetos sejam os únicos propostos em nome da psicologia: existiria uma enormidade de potenciais projetos que não ultrapassam um limiar de sociabilidade que garanta a eles alguma estabilidade e distribuição mundo afora. Um exemplo de tendência que não teria ultrapassado esse limiar de sociabilidade é a proposta de Wacław Radecki de um sistema psicológico denominado de discriminacionismo afetivo (ver Fonseca, 2020): este projeto partilhado durante o tempo de estadia do psicólogo polonês no Rio de Janeiro entre 1925 e 1932 com seus colaboradores mais próximos não resistiu a própria partida deste autor. Assim como o discriminacionismo afetivo, existiriam várias outras propostas conceituais ou técnicas que não produziram qualquer forma de contágio ou normatização entre os pares.

3. Os projetos e orientações em psicologia não são mônadas; eles se interferem em alianças e oposições locais, assim como produzem efeitos de subjetivação e culturas psi (ver Ferreira et alli 2014 e 2019 e

Figueira, 1991). É crucial destacar este conjunto de efeitos como parte da história: a vinculação dos saberes psi com as práticas sociais não estaria apenas em suas condições de possibilidade históricas, mas em toda a composição constante de mundos, coletividades e modos de subjetivação .

4. A própria existência de um projeto e de algumas tendências que sejam interiores a ele não garante uma estabilidade na sua circulação. Em primeiro lugar, esta circulação não opera de forma igual em distintas regiões do globo. O psicólogo Fathail Moghaddam (1987) em um artigo no *American psychologist* defendia a proposta de três regiões no mapa global das produções em psicologia. Haveria um primeiro mundo, claramente representado pelos Estados Unidos, em que haveria uma enorme produção e exportação de teorias e práticas psicológicas. Em sequência teríamos um segundo mundo representado especialmente pelos países da Europa Ocidental em que por vezes esse predomínio dos Estados Unidos é desafiado. Por fim teríamos um terceiro mundo, representado pela maior parte dos países em que haveria uma simples importação dos saberes e práticas psicológicas produzidos nos dois primeiros . Passados trinta e cinco anos da publicação deste artigo de Moghaddam, nós poderíamos dizer que pouca coisa se alterou no cenário global: o Brasil, por exemplo, segue sendo em boa parte um grande importador de concepções psicológicas, ainda que ele possa

porventura exportar algumas produções suas para países vizinhos ou de língua portuguesa.

Outro aspecto interessante diz respeito à própria identidade dos projetos psicológicos em suas circulações mundo afora: as grandes orientações ou tendências produzidas no primeiro mundo, por mais que se cerquem de garantias quanto a estabilização de seus conceitos e práticas, sempre são diferidas ou indigenizadas na circulação por outros cenários. Esta apropriação já havia sido destacada por historiadores como Danzinger (1994) e poderia ser ressaltada na circulação de outros produtos tecnocientíficos (carros, celulares, redes sociais, etc.). Esses processos de apropriação são fundamentais para entender a disseminação da psicologia, assim como a circulação por circuitos culturais os mais diversos.

Uma história da psicologia brasileira e no Brasil deveria estar atenta a tudo que se produz e circule em nosso território mesmo que não seja vinculado aos projetos dominantes. Estando atento, por um lado, que nenhuma tendência poderia ser denominada como exclusivamente brasileira, pensando em todos os componentes das ditas tendências psicológicas. E por outro, seria necessário estar atento às singularidades e contingências do que se passa em nosso território e nas suas conexões. Uma história da Psicologia brasileira não é uma história da psicologia que ocorre no Brasil, mas pelo Brasil, nas conexões e apropriações as mais diversas. Estar atento a essas singularidades e pensá-las de formas mais originais com conceitos e apropriações que nos são próprias, talvez concorram para um modo mais

brasileiro e decolonial de produção em história da psicologia.

I. DESDOBRAMENTOS DIDÁTICOS EM MONITORIA E OUTROS TRABALHOS EM PARCERIA

Todas essas ponderações não se colocam de uma forma exterior aos modos de ensino. Em outras palavras, a didática não é uma tática ou uma técnica que mantém uma relação de exterioridade com qualquer conteúdo. Pensar estes conteúdos aqui destacados implica em pensar modos de transmissão que se coloquem em sintonia com estes, ou seja abordagens que mantenham uma abertura de pensamento, seja as que favoreçam um raciocínio crítico e seja principalmente as que sustentam uma pluralidade de concepções e as respectivas formas de argumentação. Considerando o que se apresenta como possibilidade de ensino em universidades públicas, temos um cenário em que contamos com cerca de 50 alunos em cada sala de aula, além da companhia de tutores, monitores e pós-doutorandos, sem deixar de mencionar o recurso de data-shows e textos. No entanto, é fundamental pensar em algumas possibilidades de ensino como grupos de discussão e atividades especiais de monitoria. Neste ponto, destaco a ação de colaboradores da disciplina, em que encaminho algumas possibilidades especiais trabalhadas por monitores e tutores. Esta é sem dúvida toda uma parte a ganhar relevo numa discussão mais apurada dentro das possibilidades de ensino de história da psicologia.

De modo mais específico, vou destacar trabalhos de monitoria. É neste espaço que têm sido pensadas atividades especiais como apresentações de filmes, falas

de especialistas em um determinado campo e discussão de textos. Filmes são recursos interessantes para algumas discussões como O incrível exército de Brancaleone (Monicelli, 1966; para apresentar personagens medievais pré-individualização moderna), Contos proibidos do Marquês de Sade (Kaufmann, 2000; para apresentar algo da história moderna da loucura), Jean por Piaget (para apresentar Epistemologia Genética) ou Freud Além da Alma (para apresentar os momentos iniciais da psicanálise). Os especialistas convidados dizem respeito a dissertações e teses chaves para o campo, como as Fonseca (2020), Ribeiro (2018), Pontes (2017), Rosa (2020) Santos (2023) ou Vilarinho (2012), mas também a convidados especiais de passagem pelo Rio de Janeiro, como David Robinson. Neste aspecto, as atividades da disciplina se coordenam com atividades do Centro de Estudos Antônio Gomes Penna do Instituto de Psicologia/UFRJ, onde estive na coordenação de 2003 a 2016.

De modo mais específico vou apresentar dois exemplos de atividade de monitoria vinculados à revisão de temas e trabalho com textos . Neste caso, por conta da alta carga didática de disciplinas no primeiro período, é extremamente provável que uma grande quantidade de alunos apareça nas reuniões de monitoria sem ter lido os textos indicados. Para lidar com este possível problema, creio que seria necessário: trabalhar com textos pequenos a ponto de poderem ser lidos na própria monitoria ou tornar o monitor responsável por fazer uma exposição geral do texto enfatizando principalmente os pontos que se relacionam com o tema que está sendo trabalhado nas aulas da disciplina.

INCONCLUSÕES

Concluir sobre uma experiência em trânsito é muito difícil e pretensioso; resta apenas afirmar a abertura na experimentação das pistas, buscando a conexão com outros atores e principalmente estando aberto aos acasos e trânsitos na formação em psicologia, assim como aos imponderáveis da história: assim como futuro da ficção científica, o passado também desliza na sua configuração pelo fluxo do próprio presente. Só nos resta, pois, manter a promessa de revisar, reescrever e repensar este escrito de tempo em tempo. De presente em presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. História Social da Criança e da Família. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

ARISTÓTELES. Da alma. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BORING, E. G. Historia de la Psicologia Experimental. Mexico: Trillas, 1979.

BLOOR, D. Knowledge and social imagery. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1976.

BUTTERFIELD, H. The Whig Interpretation of History. Nova York: W. W. Norton & Co., 1965.

CANGUILHEM, G. O objeto da história das ciências. In: Tempo Brasileiro nº 28. Rio de Janeiro, 1972.

CANGUILHEM, G. O que é psicologia? In: Tempo Brasileiro nº 30/31. Rio de Janeiro, 1973.

CASTRO, E. V. de Metafísicas Canibais. São Paulo: CosacNaify & n-1 Edições, 2015.

CERTEAU, M. de. A operação histórica. In J. Le Goff & P. Nora (Orgs.), *História: Novos problemas* (pp. 17-48). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CNE/CES. Resolução 8/2004 Diário Oficial da União, Brasília, 18 de maio de 2004, Seção 1, p. 16.

COMTE, A.. Curso de filosofia positiva. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril:1973.

DANZIGER, K. Does the history of psychology have a future? *Theory & Psychology*, 4 (4), 1994, pp. 467-484.

DESPRET, V. Ces émotions que nous fabriquent. *Etnopsychologie de l'authenticité*. Le Plessis-Robinson: Synthélabo, 1999.

DESPRET, V. Le cheval qui savait compter. Paris: Les Empecheurs de Penser en Ronde, 2004.

DESPRET, V. Dossiê Despret. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, UFF, v. 23, n. 1, p. 5-82, jan./abr. 2011

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril, 1972.

DESCOLA, P. *Para além de natureza e cultura*. Niterói: Eduff, 2023

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, A. A. L. *Verdade e adaptação: O pragmatismo e a psicologia funcional*. Dissertação

defendida no Mestrado em Psicologia, Instituto de Psicologia - UFRJ. Rio de Janeiro, 1992.

FERREIRA, A. A. L. A diferença que nos une: Um estudo sobre as condições de surgimento da psicologia na sua dispersão. Tese defendida no Doutorado em Psicologia Clínica - PUC-SP. São Paulo, 1999.

FERREIRA, A. A. L. et alli. Técnicas de si e clínica psi: um campo de estudos etnográficos. Revista Polis e Psique, 4(3), 2014. pp. 80-99.

FERREIRA, A. A. L. et alli (2019). A dispersão da psicologia: do debate epistemológico ao estudo de uma divisão de psicologia aplicada. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 9(2), 2019. pp. 104-132. doi: <http://dx.doi.org/10.26864/PCS.v9.n2.4>

FIGUEIRA, S. A. A. O pós-boom da psicanálise no Brasil. In: *Nos bastidores da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

FIGUEIREDO, L. C. Reflexões acerca dos projetos de psicologia como ciência independente. Textos para o Programa de Psicologia Educacional da PUC/MG - PROPPG - XVII PROPES. Belo Horizonte: 1986.

FIGUEIREDO, L. C. A Invenção do Psicológico. São Paulo: Escuta, 1992

FLECK, L. Gênese e desenvolvimento de um fato científico - introdução à doutrina do estilo de pensamento e do coletivo de pensamento. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FONSECA, L. E. P. Os (des)caminhos da psicologia no século XX: Um estudo sobre a história do Instituto de Psicologia da UFRJ . Tese defendida no Doutorado em

História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

FOUCAULT, M. A História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. Lisboa: Portugália, 1966.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. IN: MACHADO, R. (Org.). Microfísica de Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, M. A Vontade de Saber - História da Sexualidade I. Rio de Janeiro: Graal, 1977

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUSS, H. , RABINOW, P. (Orgs.). Michel Foucault na trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

Goclenius Psychologia: hoc est, de hominis perfectione, animo, et in primis ortu hujus, commentationes ac disputationes quorundam theologorum & philosophorum nostrae aetatis. Marburg 1597.

HACKING, I. ¿La construcción social de qué?. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.

KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LAGACHE, D. A unidade da psicologia. Lisboa: Edições 70, 1988.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MANNHEIM, K. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

MOGHADDAM, F. M. Psychology in the three worlds: As reflected by the crisis in social psychology and the move toward indigenous third-world psychology. *American Psychologist*, 42 (10), 1987. pp. 912-920.
<https://doi.org/10.1037/0003-066X.42.10.912>

MÜLBERGER, A. Los límites de la ciencia: espiritismo, hipnotismo y el estudio de los fenómenos paranormales (1850-1930). Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2016.

NATHAN, T. Entrevista com Thobie Nathan. *Cadernos de Subjetividade* n 4, 1996, pp. 9-19

PLATÃO. Diálogos. Obra completa em 9 volúmenes. Volumen III: Fedón. Banquete. Madri: Editorial Gredos, 2003

POLITZER, G. Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise. Piracicaba: Unimep, 1998.

PONTES, A. K. Subjetividades desviantes e políticas de internação: ébrios habituais e alcoolistas no Rio de Janeiro durante a primeira república (1899-1920). Tese defendida no Doutorado em Psicologia, Instituto de Psicologia - UFRJ. Rio de Janeiro, 2017.

RIBEIRO, A. E. R. Princípios do Método Clínico de Jean Piaget: uma análise dos protocolos de pesquisa entre 1920 e 1922. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UNESP. Assis/SP, 2018.

RODRIGUES H. B. C.; FERNANDES, P.J.; DUARTE, M. G. S. Os “psicanalistas argentinos” no Rio de Janeiro. In: JACÓ-VILELA A. C, CLIO-PSYCHÉ HOJE - Fazeres e Dizeres PSI na História do Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

ROSA, H. L. R. S. O burburinho das almas ou por uma história dos versos da alma no Brasil. Tese defendida no Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

ROSE, N. *Inventing our selves*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

SANTOS, M. V. A. G. A História Whig, a História da Psicologia e a História da Psiquiatria: Investigando a Revolução Behaviorista e a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Dissertação defendida no Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) do Instituto de Psicologia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2023.

TARDE, G. *Monadologia e sociologia – e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. 2007.

TAYLOR, C. *Sources of the self: The Making of the Modern Identity*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.

VERNANT, J.P. El individuo en la ciudad. In: *Sobre el individuo*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

VIDAL F. A mais útil de todas as ciências. Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo. In A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2006.

VILARINHO, Y. C.. Narrativas médicas do medo: do coração ao cérebro. 198f. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva defendida no Instituto de Medicina Social, UERJ Rio de Janeiro, 2012.

VOTH, H. R. Hopi Proper names. Chicago: Field Columbian Museum, 1905.

WHITE, H. Meta-história: a imaginação histórica da Europa do século XIX. São Paulo: Edusp, 1992.

FILMES

Goretti, C. Piaget por Piaget (Piaget on Piaget : the epistemology of Jean Piaget). Suíça: Philip Garvin, 1977

Houston, J. Freud para além da alma (Freud). Estados Unidos: Universal, 1962

Kaufmann, P. Contos proibidos do Marquês de Sade (Quills). Alemanha, Estados Unidos e Reino Unido: Searchlight pictures, 2000.

Monicelli, M. O incrível exército de Brancaleone (L'armata Brancaleone). Itália, França e Espanha: Titanus, 1996.

PARTE 2

NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alcides José Sanches Vergara é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor aposentado da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alcidesvergara55@gmail.com.

Allana Patrícia da Silva é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: allana.silva445@academico.ufgd.edu.br.

Ana Maria Jacó Vilela é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora-titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Anderson de Brito Rodrigues é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor-associado na Universidade Federal de Goiás. E-mail: andersondebritoarodrigues@ufg.br.

André Elias Morelli Ribeiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor na Universidade Federal Fluminense - Rio das

Ostras. Coordenador do projeto Portal História da Psicologia. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com.

Andrêza Reis da Silva é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: andrezareisdasilva15@gmail.com.

Arthur Arruda Leal Ferreira é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: arleal1984@gmail.com.

Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: brendarmalexandree@gmail.com.

Bruna Torrecilha Cessel é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: bruna.cessel@gmail.com.

Cristina Lhullier é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências - Psicologia pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Professor-adjunta na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: clhullie@ucs.br.

Dener Luiz da Silva é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-titular na Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: densilva@ufsj.edu.br.

Denise de Matos Manoel Souza é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados. E-mail: denise.manoel@unigran.br.

Diego Duarte Ribeiro é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: diego.ribeiro042@academico.ufgd.edu.br.

Erika Lourenço é graduada em Psicologia e doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-associada na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: erikalourenco.mail@gmail.com.

Felipe Maciel dos Santos Souza é graduado em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Doutor em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-associado na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: felipesouza@ufgd.edu.br.

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano é graduada em Psicologia e mestre em Psicologia pela Universidade

Federal de São João del-Rei. Professora no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com.

Filipe Degani-Carneiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio Psyché. E-mail: filipe.degani@gmail.com.

Gabriela Syperreck Ramires é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: gabrielasyperreck@gmail.com.

Guilherme José Pavesi é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: guilherme.jose.p12@gmail.com.

Inês Rosa Bianca Loureiro é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: inesbiancaloureiro@gmail.com.

Isabella Espíndola Rodrigues é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista Excelência pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom

Bosco (PPGPsi-UCDB).
isarodrigues0205@gmail.com.

E-mail:

Juberto Antonio Massud de Souza é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: xjubertox@hotmail.com.

Letícia Andrade Herrera é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: leticiaandradeh63@gmail.com.

Letícia José Pedrozo é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: lelepedrozo@gmail.com.

Letícia Martins Righi é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: leticia.righi045@academico.ufgd.edu.br.

Luísa Xavier de Brito Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - Vitória da Conquista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisabrito14@hotmail.com.

Marcelo Augusto de Oliveira é estudante de Medicina na Universidade Federal dos Vales de

Jequitinhonha e Mucuri. E-mail:
marcelo.augusto@ufvjm.edu.br.

Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mvgama@hotmail.com.

Maria do Carmo Guedes é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Humanas - Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mcguedes34@gmail.com.

Maria Eduarda Fiorini é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br.

Maria Eduarda Gregório dos Santos é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail:
maria.santos722@academico.ufgd.edu.br.

Maria Gabrielle Coelho Caldeira é graduada na Licenciatura em Pedagogia e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e mestranda em Ciências Humanas pela Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: mariagabriellecoelhocaldeira19@gmail.com.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marisatdsb@gmail.com.

Nathália Soares de Lima é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: nsoares884@gmail.com.

Paulo Coelho Castelo Branco é graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: pauloccb branco@gmail.com.

Raphael Thomas Pegden é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rtpegden@gmail.com.

Renato Sampaio Lima é graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-associado da Universidade Federal Fluminense - Nova Friburgo. E-mail: renatosampaio@id.uff.br.

Roberta Vasconcelos Leite é graduada e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br.

Rodolfo Luís Leite Batista é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rodolfo.rl@ufjf.edu.br

Rodrigo Lopes Miranda é graduado em Psicologia e doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: rlmiranda@ucdb.br.

Sérgio Dias Cirino é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal de Minas Gerais Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com.

Walter Aristóteles Oliveira Miez é graduado, mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: waltermiez@gmail.com.

William Barbosa Gomes é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Higher Education pela Southern Illinois University. É professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wbgomes@gmail.com.

Yuri Elias Gaspar é graduado e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br.

